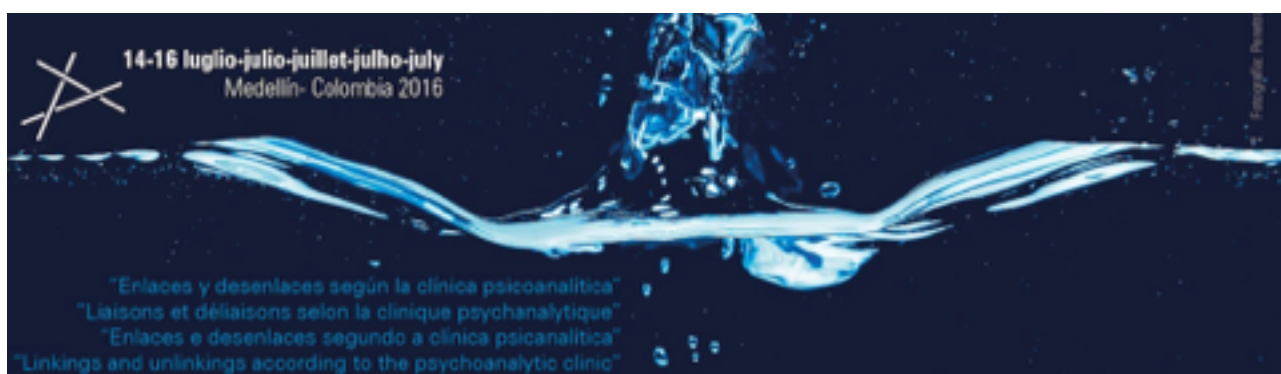


Medellín 2016 - RVI - Prelúdio - Juan Guillermo Uribe



A desenlace final...

Freud nos ensinou que o indivíduo, em seu inconsciente, nega a morte, a morte é para o semelhante: “A morte própria não se pode conceber”; “sobrevivemos como observadores”; “tentamos matá-la com o silêncio”; “No fundo, ninguém crê em sua própria morte, ou, o que vem a ser o mesmo, no inconsciente, cada um de nós está convencido de sua imortalidade”¹. Não deixa de ser paradoxal que Freud associe o amor e a morte....

A filosofia conserva a afirmação de Sócrates antes de morrer, quando disse a seu discípulo Cebes que: “o filósofo deseja a morte”. Há aqui uma exceção, alguém não desmente a morte. A diferença que Sócrates introduz é que ele acreditava na imortalidade da alma, o que lhe dá o fato da morte ter uma dimensão de desmentido, como em algumas religiões.

Em O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise, ao introduzir a tragédia de Antígona, a considera como *Até* – deusa da calamidade -, como desgraça, e nos mostra a obcecção de Antígona ao dirigir-se ao limite desta, tal como o afirma na tragédia, até dizer que sua alma está morta faz tempo². Sófocles também afirma que o homem se dirige *pròs átan* até a *Até*. Lacan comenta, nessa lição, que o “o homem toma o mal pelo bem, porque algo do *mais além* dos limites da *Até* tornou-se para Antígona seu próprio bem...” A *Até* como morte é a forma suprema do Real: única verdade absoluta. O final de todos os enlaces, a manifestação desencarnada da pulsão de morte.

Lacan nos ensina nesse Seminário que:

“a relação da ação com o desejo que a habita, na dimensão trágica, se exerce no sentido de um triunfo da morte. Os ensinei a retificar – triunfo do ser-para-a-morte, formulado no *me fhynai* de Édipo, onde figura esse *me*, a negação idêntica à entrada do sujeito sobre o suporte do significante. É o caráter fundamental de toda ação trágica”³.

É o que mantém a tensão trágica do sujeito frente ao significante: sempre haverá um desenlace...

¹Freud, Sigmund. Nuestra actitud hacia a la muerte, 1915, Amorrortu, Buenos Aires, 1976, O.C., Vol. XIV, p.290

² Lacan, Jacques, El Seminario, Libro 7, La ética del psicoanálisis, 1959-60, Paidós, Buenos Aires, Barcelona, México, 1990, p.324

³ Lacan, Op. Cit., p.373.

O medo

Associado a morte, sempre esteve o medo; sua presença se reconhece tanto nos sujeitos como na comunidade dos humanos. Como humanizar-se frente a este sentimento? As religiões se valem do pressuposto da imortalidade da alma para calar o sofrimento ante o desconhecido da morte, como *gran final* em muitas obras memoráveis da literatura. Desenvolvem-se cerimônias funerárias para confirmar que a vida terrena é só um passo, uma vivência provisória. Não obstante, o desmentido tem vida curta ante a contundência do fato da morte: Quem segue agora?

Desde Freud, a constatação do medo se dá através da fobia. O Caso do Pequeno Hans é paradigmático da relação entre a angústia e o objeto fóbico. Também o sujeito sente medo do desaparecimento de seu desejo, afânise. Lacan nos ensina que este medo tem uma relação próxima com o Complexo de Castração. Em *O Seminário, Livro 6, O desejo e sua interpretação*, na aula de 4 de fevereiro, fala de uma “articulação insuficiente, de uma forclusão parcial do Complexo de Castração”. Em *O Aturdido*, fala de como a morte é um assunto de cálculo de probabilidades, e como alguns se asseguram mediante apólices de vida frente a essa probabilidade⁴.

De toda forma, se pode constatar o medo também na demanda de ajuda à entrada em análise, como angústia difusa que requer um trajeto de tratamento para localizar suas coordenadas. O medo também se verifica perfeitamente na atualidade, frente à precariedade dos enlaces, como nos transmitiu na Apresentação do Encontro, Colette Soler. Todas estas formas de medo se mantêm em uma certa relação com o “desenlace final”.

Thomas Hobbes, citado por Roberto Espósito em seu livro *Communitas*, escreve: “Cada um, em efeito, está levado a desejar o que para ele é bom, ou a fugir do que para ele é mau, sobretudo do máximo dos males naturais, que é a morte”⁵. Não obstante, o medo tem um antecedente mítico que é o parricídio. A culpa do crime originário transforma-se em medo do retorno ameaçador do morto. O pai percorre como “Nome” a história psíquica tanto coletiva como individual.

O que fazer? Quando se pode reconhecer a precariedade da vida e não se utilizam mecanismos de desmentido, está na posição de cada um de “saber fazer com isso”, e aí se está sempre sozinho, eco da palavra de Lacan.

Juan Guillermo Uribe, 26 de outubro de 2015

Tradução Andréa Brunetto

⁴ Lacan Jacques, *Otros Escritos*, El Atolondradicho, Paidós, Buenos Aires, 2012, p.500

⁵ Espósito Roberto, *Communitas*, Origen y destino de la comunidad. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2007, p. 55.